Palestra proferida no Seminário
RIO ATRAVÉS DOS SENTIDOS

Real Gabinete Português de Leitura
Rio de Janeiro, 14 de junho de 1996

A Cidade e o Desejo - A Paisagem

Diante das inumeráveis e intrincadas relações que se pode estabelecer entre a cidade e o desejo, cumpre-me limitar o labirinto de possíveis associações que vou descobrindo entre os dois conceitos àquelas que dizem respeito a minha especialização profissional.

Não é uma tarefa fácil. Como arquiteto, a matéria prima e o produto de minha criação é a paisagem, um conceito que compreende não apenas a paisagem natural mas também paisagens construídas, como a paisagem urbana. Talvez porque bem antes de ser arquiteto eu já fosse humano, o conceito de desejo, essa irresistível força que domina as ações humanas, com maior força me fascina e tende a monopolizar a direção do meu pensamento.

O desejo; a relação primeira entre todos os seres, presente na origem de cada ato, a indicar-lhe os rumos; princípio criador e preservador de todas as coisas, **"o desejo, primeiro que tudo, agitou-se Nele, o desejo que foi a semente primeira do Espírito".**

Como tantos textos sagrados, entre os quais se inclui a Bíblia, o Rig Veda registra a presença do desejo na própria origem do universo. Outro livro védico explica a criação como decorrência de um ato de união sexual cósmica. É então que **"o tempo se inicia, o espaço se desdobra e os deuses começam a desempenhar seus papéis".**

Papéis que não isentam nem mesmo os próprios deuses do fardo dos desejos. A perfeição entedia. Talvez esse atributo divino não implique em completitude, nem exclua a evolução: ser perfeito não é ser completo, é antes procurar sempre e indefinidamente a plenitude. Os desejos dos deuses levam-nos a criar um mundo; criam-no com imperfeições para que o ato de buscar

seja mais divino ou heróico do que achar; desejam com ardor os seres imperfeitos que criam; desejam seus desejos, como diria Safo.

Há dois tipos de desejo. Um primeiro, de direção vertical e de sentido ascendente, é o desejo do espírito por sua fonte, por sua origem, origem que passa a ser sua finalidade. É o desejo de Deus, que só se sacia em Deus, que exige dos mortais amor exclusivo e que implica na renúncia a todos outros desejos. Um vôo perseguido por místicos mas somente experimentado por raros eleitos.

É esta a vertigem que faz Tereza D'Ávila transcender os laços terrenos e arremessar-se em direção à infinitude. As imagens e palavras que descrevem o paroxismo de sua experiência em nada diferem das utilizadas para exprimir o outro tipo de desejo, que a este se opõe e que é o desejo pelos poderes terrenos, pelo mundo, pela matéria, pela carne. Os estados a que ambos conduzem são descritos com palavras como amor, paixão, gozo, êxtase. Tudo o que fere a carne do santo atinge a do homem terreno. A própria representação do Espírito Santo tem a forma de um pombo com as patas crispadas, simbolizando um arrepio profundo que antecede a visão mística, o momento em que Deus desce ao mundo para a posse total de uma de suas criaturas. Fenômenos análogos percorrem a carne humana no clímax de seus intercursos.

Não é da primeira forma de desejo mas da segunda que irei tratar ao falar sobre a cidade do Rio de Janeiro. Certamente não é a busca do espírito a característica mais evidente do Rio, onde pululam todos os desejos terrenos. Aqui, mesmo as montanhas, elementos de ligação entre o céu e a terra, invertem esta simbólica relação levando ao firmamento a pétrea nudez da matéria. Diante da palidez do céu, o sol carioca passa a fazer parte do mar, onde preside os rituais de corpos em promíscua adoração à água e à luz.

O próprio santo padroeiro do Rio, São Sebastião, é menos um modelo de santidade espiritual do que de gozo carnal. Em sua imagem o que se adora não são os arroubos do espírito mas a carne desnuda e ferida pelas flechas do desejo, tão idêntica ao estuprado corpo da cidade.

As cidades são geradas pelos desejos. Quando projetadas, pela vontade e pelo gênio criador de governantes ou por quem as planeja e constrói. Quando espontâneas, pelas múltiplas relações que seus habitantes vão estabelecendo entre os diferentes pontos dos sítios onde surgem e os desejos que eles estabelecem com esses pontos. Linhas vão se definindo, interligando os locais buscados com mais frequência: montanhas, lagoas, praias, as fontes de água, as sombras das árvores, locais de caça. Essas linhas virão a configurar vias de circulação urbanas, quarteirões e bairros, enfim, a cidade. A cidade é um tecido tramado sobre o relevo, a topografia e os acidentes naturais e urdido pelos desejos humanos. Quanto mais viva, mais linhas irão se intercruzar, mais relações irão se estabelecer, mais desejos irão se manifestar.

Essa infinidade de desejos compõe a vida da cidade. As cidades são como pessoas. A Bíblia fala de Jerusalém como a nossa mãe e de sua antítese, Roma, como a grande prostituta, assim como de várias outras cidades, sempre como sendo mulheres, virtuosas ou prostituídas. Como seus habitantes, são sujeitas não apenas aos desejos mas ainda aos pecados, a culpas e penas, preço para os que por eles se deixam possuir. Há cidades com preguiça, com luxúria, com orgulho, com inveja, assim como cidades castigadas por esses pecados. No Rio, entretanto, o desejo não é pecado. No Rio, mesmo que em fantasia, tudo se pode realizar. Com efeito, por dois ou três dias no ano um pobre pode se tornar rei, um homem se tornar mulher, um mortal se tornar deus.

A cidade é comparada à mãe que encerra os filhos em seu interior. Da mesma forma que lhes permite o prazer de realizar seus desejos - mesmo os interditos - cabe-lhe também controlá-los, reprimi-los. As normas de convívio social que definem o comportamento do homem urbano são criadas antes para restringir-lhes a manifestação pública de seus desejos que para impedir sua realização.

Por isto a maior parte das palavras mais comumente utilizadas para designar as normas de comportamento que restringem essa manifestação dos desejos humanos em sociedade tem sua origem etimológica na cidade. Por exemplo: civilização e civilizado, qualidade do homem preparado para a vida urbana, deriva do latim *cives* que significa cidadão de Roma, a Roma das sete colinas; urbanidade, de análoga acepção, de *urbes,* cidade; polidez, refinamento do comportamento social, tem origem no grego *polis*, cidade, de onde provém também política; cortesia, ainda mais do que polidez, é o modelo de comportamento da **corte** onde as regras de convívio são tão exacerbadas que este termo é adotado para designar a própria abordagem amorosa; gentileza é o que é próprio de **gente**, das pessoas que convivem no espaço delimitado da cidade.

Mesmo em outras culturas, como a japonesa, há um paralelismo etimológico. À época Heian, nos séculos VII a XII, a palavra correspondente a cortesia deriva de palácio real. *Miyabi* difere do conceito ocidental de boa relação entre os homens urbanos por incluir ainda a relação sensível, harmônica e requintada do homem com a natureza. Uma outra forma de boas maneiras que estende suas regras ao respeito e até à adoração pelos elementos naturais. É o caso dos bosques sagrados que compõem os santuários xintoístas e que simbolizam a natureza original, que não tem de ser necessariamente banida do meio urbano mas que, antes, deve interpretá-lo. Esta cortesia implica na apreciação das estações, da chuva, da noite, do canto das cigarras das cintilações dos vaga-lumes. O homem polido, além de conviver em harmonia com seus semelhantes, deve saber contemplar a lua, ouvir os pássaros, sentir o perfume das flores, a

temperatura à sombra e ao sol, acompanhando as mudanças do mundo natural sem que tenha, para isto, de se retirar do meio urbano.

Como as cidades se compõem de desejos, sejam eles lícitos ou ilícitos, elas se incumbem da tarefa de satisfazê-los, de forma momentânea ou duradoura. Talvez tenha sido isto que fez um poeta, em um verso simples e verdadeiro, dizer que as cidades são lugares felizes. Conhecer uma cidade, ir-se aproximando dela, introduzir-se nela, são seqüências de estados de excitação, de expectativa, de felicidade. Quem não vive na cidade quer ir à cidade, quer possuir coisas da cidade. Quem não pode viajar se contenta em fazer encomendas e é tão antigo o costume de se encomendar coisas do Rio, a corte, a capital, o porto por onde entravam as mercadorias, que até hoje, em Minas, subsiste uma frase "encomenda sem dinheiro fica no Rio de Janeiro".

Sem mencionar seu caráter internacional, o Rio sempre exerceu irresistível fascínio sobre todos os brasileiros. Alguém disse-me um dia que tinha pena dos cariocas que não tinham para onde ir, senão para o exterior, enquanto no Brasil todas as pessoas vinham ao Rio.

Há uma imagem que me é especialmente cara. O Rio de Janeiro no momento em que o europeu o descobriu: uma deslumbradora paisagem jamais imaginada em tanta riqueza e diversidade. Penso nas primeiras incursões do português em um mundo novo, seus primeiros passos, a princípio tímidos e depois seguros, a interligar pontos que seus desejos elegem como prioritários em um cenário desconhecido.

No entanto, muito antes da presença humana e de forma muito mais grandiosa do que seus desejos o Rio de Janeiro é a gigantesca manifestação de um profundo e incontido desejo da Terra. À medida em que nos aproximamos do Rio - e isto é claramente percebido por quem chega de avião - toda a superfície do país parece ir sendo percorrida por intensa excitação. Situado no domínio morfoclimático das regiões tropicais úmidas formadas por mares de morros florestados, a cidade do Rio de Janeiro apresenta dois diferentes aspectos fisiográficos: um de planície, outro de montanhas. Tão logo transpomos os limites da cidade, este relevo vai se organizando de forma cada vez mais tensa e dramática, com formações montanhosas contrastando com a região de baixadas como a Fluminense, a de Santa Cruz e a de Jacarepaguá. É como se toda a crosta terrestre experimentasse um profundo *frisson*, como se um desejo incontido crispasse a carne do planeta. Poros e pêlos se eriçam, a temperatura se aquece, a pressão se intensifica, a natureza goteja, a vida se acelera. Só falta ouvirmos os batimentos; mas esses ficam por conta das ruidosas atividades humanas. O clímax deste arrepio telúrico se atinge nos maciços montanhosos da Pedra Branca, da Tijuca e Gericinó enquanto na baixada os cordões de restinga vão configurando formações lagunares como as lagoas de Jacarepaguá, Tijuca, Camorim e Rodrigo de Freitas. Toda a natureza se altera, se reorganiza, se concentra, a partir de

outros estados mas se intensificando no estado do Rio de Janeiro e culminando ao atingir o âmbito da Baía da Guanabara. A vegetação é tão luxuriante que, tendo sido destruída, em um século já se regenerara a ponto de se tornar uma densa floresta plena de vida animal, um parque nacional.

Este erótico arrepio petrificado testemunha o caráter altamente dinâmico da crosta terrestre e se caracteriza por rochas pré-cambrianas desnudadas e esculpidas em forma de pães-de-açúcar, formações tecnicamente chamadas de *inselbergs*. Esses blocos só se teriam soerguido e as áreas baixas se aplainado devido à erosão e depósito de partículas por volta de 65 milhões de anos atrás, por causa de falhamentos paralelos ao corte.

As áreas planas permitiram ao homem atual e pretérito se instalar junto a essa fisionomia única de face do planeta. Os mesmos critérios estéticos que fizeram grupos pré-históricos elegerem este sítio excepcional, levaram o homem atual a erigir esta imensa cidade, uma paisagem urbana original sobre um cenário natural inesquecível.

Ao Rio de Janeiro não foi negado nem mesmo o desejo por si mesmo. Única cidade a dispor de um reflexo, pálido embora, de sua beleza, o Rio tem diante de si Niterói, a imagem reflexa deste Narciso de pedras adormecido.

Carlos Fernando Delphim

Arquiteto